

Ivan Antônio de Almeida

A presença de Goethe na Obra Filosófica de Rudolf Steiner, com especial atenção para a questão da arte

Apresentado originalmente como *projeto de pós-doutoramento* na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob supervisão do Prof. Dr. Mario Henrique Simão D'Agostino, esse foi o último texto acadêmico produzido pelo professor Ivan.

Os cientistas esqueceram-se de que a ciência nasceu da poesia e de que, no futuro, elas poderão se reencontrar num nível superior, e reatar amizade.

Goethe

Marc Jimenez, filósofo e germanista é professor da Universidade Paris I, ensina estética na *Unité de Formation et de Recherche d'Arts plastiques et Sciences de l'Art* onde é responsável pela formação de doutores e dirige o *Centre de Recherches em Esthétique*; também é membro da *Société Française d'Esthétique* e da comissão de redação da *Revue d'Esthétique*, e diretor da “*Collection d'Esthétique*” das Editions Klincksieck, além de autor de vários livros na área de estética, inclusive *O que é estética*, do qual retiramos as informações acima. O pensamento do professor Jimenez parece ser, dessa forma, bastante representativo do que se pensa hoje sobre o tema, no mundo acadêmico. Vejamos o que diz sobre arte:

A arte é de fato um campo à parte e, além disso, ambíguo. Ligada a uma prática, ela cria objetos palpáveis ou produz manifestações concretas que ocupam um lugar dentro da realidade: presta-se a exposições, em todos os sentidos da palavra. Para retomar uma expressão do grande historiador e sociólogo da arte Pierre Francastel, “a arte não é veleidade, mas realização”.

Contudo, a arte não se contenta em estar presente, pois ela significa também uma maneira de representar o mundo, de figurar um universo simbólico ligado à nossa sensibilidade, à nossa intuição, ao nosso imaginário, aos nossos fantasmas. É este seu lado abstrato. Em suma, arte ancora-se na realidade sem ser plenamente real, desfraldando um mundo ilusório no qual, freqüentemente – mas não sempre – julgamos que seria melhor viver do que viver na vida cotidiana (JIMENEZ, 1999, p. 10).

Como vemos a concepção de arte para o professor Jimenez é ampla e ambígua, podendo servir até para nos distanciarmos do “viver na vida cotidiana”; ou ainda, dando espaço desde “manifestações concretas que ocupam um lugar dentro da realidade”, até o ancorar-se “na realidade sem ser plenamente real”. Mais à frente, professor Jimenez disserta sobre o que se espera da arte, comparando-a com outras áreas do conhecimento:

Da ciência esperam-se descobertas que influam diretamente sobre nosso meio ambiente; da técnica prevêm-se progressos que facilitem nossa ação sobre o mundo; da ética esperam-se regras de conduta que guiem nossos pensamentos e nosso comportamento; porém, poderemos extrair da arte um ensinamento tão útil, sério, rentável quanto aquele dispensado por essas outras disciplinas sensatas? (Idem, p. 11)

À própria pergunta, o professor responde negativamente. Mas a exposição é suficiente para o que queríamos; mostrar um pensamento filosófico fragmentado e especializado, onde o papel da arte não é “tão útil, sério” e “rentável” quanto o das outras áreas do conhecimento, idéia certamente hegemônica nos nossos dias, mas não única, em um mundo onde a maior riqueza é a diversidade.

Para o Dr. Rudolf Steiner, também filósofo, é totalmente outro o mundo da arte. Para Steiner, entre a idéia e a experiência “que só possui a realidade, e não mais a ideia” (STEINER, 1998, p. 19), o homem necessita de um *novo reino*, que será criado por ele mesmo.

De um reino em que já o particular, e não apenas o todo, representa a ideia – de um reino em que o indivíduo já se apresenta de uma forma que expressa o caráter da universalidade e da necessidade. Tal mundo ainda não existe na realidade; um mundo como esse, o próprio homem tem de criar: trata-se do mundo da Arte – um terceiro reino necessário ao lado dos sentidos e da razão (Idem, p. 20).

Esse ato de criação humana, criador de um “terceiro reino”, é responsável pela *elevação espiritual do homem*, pois, segundo Johann Wolfgang von Goethe, sendo o homem “o cume da Natureza, considera a si mesmo, por sua vez, como uma Natureza completa que tem de fazer surgir em si um novo cume” (Idem).

Segundo Goethe, os sentimentos provocados nos que avistaram a estátua do Júpiter Olímpico teriam provocado nos homens tal entusiasmo a ponto de poder dizer-se que “o deus se tornou homem para elevar o homem ao deus” (STEINER, 1998, p. 21); o que leva Steiner a concluir que “o divino, do qual as coisas da Natureza carecem, o próprio homem tem de implantá-lo, e aqui temos uma importante tarefa que resulta para o artista. Ele tem de trazer o reino de Deus para a terra” (Idem, p. 20)

Esse “trazer o reino de Deus para a terra”, porém, “não é o divino em uma roupagem sensorial-real; não, é o sensorial-real em uma roupagem divina” (Idem, p. 33).¹ Esse “sensorial-real em uma roupagem divina” é o que Johann Heinrich Merck (1741-1791) observou em Goethe, “proporcionar à realidade uma forma poética”. Diz Merck numa carta dirigida a Goethe:

Teu empenho, tua direção indesviável é proporcionar à realidade uma forma poética. Os outros tentam realizar o chamado poético ou imaginativo, o que só redundará em tolices (STEINER, 1998, p. 28).

A tarefa da Estética é, para Steiner, compreender como se interpenetram na obra

1 É dessa forma que Steiner se distancia de Hegel na filosofia e dos místicos em geral; para os quais a arte e a ciência diferem apenas em relação às formas de expressão do real.

artística, espírito e Natureza, idealidade e realidade, “bem como em elaborar as formas particulares em que ela se expressa nos diferentes campos da Arte” (Idem, p. 21).²

Steiner, no decorrer da sua existência (1861-1925) dará uma importância cada vez maior para a Arte, particularmente nos últimos vinte anos da sua vida. Contribuirá significativamente neste campo com suas preocupações em relação à função da arte na pedagogia, na saúde (terapia artística); com a criação da euritmia e suas sugestões no campo da arquitetura, escultura e pintura e, sobretudo, o desenvolvimento de uma teoria do conhecimento onde a Arte tem papel central.

A obra de Goethe e Steiner são importantes referências críticas ao mundo contemporâneo, tanto mais pela sua ausência na academia. No caso de Goethe, embora reconhecido pela sua produção literária, não tem presença como cientista, embora ele próprio considerasse que é esse o aspecto mais importante da sua obra. Ambos não recusam o mundo moderno, mas questionam seus paradigmas.

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi artista, cientista e administrador, ocupando importantes funções no Conselho de Estado do Ducado de Weimar. Expressou sua cosmovisão na sua obra e não filosoficamente, de maneira sistemática. Considerou que a sua contribuição mais importante foi nas ciências naturais. Assim, para conhecermos o pensamento de Goethe é necessário procurá-lo, sobretudo, na sua produção científica, sem deixar de lado sua produção artística; a correspondência, os ensaios e aforismos. A edição completa de sua obra gerou 143 ou 144 volumes. Também é importante a leitura da correspondência entre Schiller e Goethe, uma vez que o primeiro, também filósofo, foi um dos seus mais importantes interlocutores.

A obra de Goethe é crítica em relação aos valores hegemônicos da nossa época. É nas ciências naturais que a contraposição em relação às referências gnosiológicas que vão se gestando a partir do Renascimento fica mais nítida. É famosa a sua *teoria das cores*, na qual se opõe à teoria de Newton. Goethe é um dos últimos pensadores que veem o homem como um todo, tal como o fizeram Dante e Leonardo da Vinci.³ O homem é sua referência. É dessa forma que podemos entendê-lo como: artista, homem público, pensador e, sobretudo, cientista.

Rudolf Steiner (1861-1925) é o criador da Antroposofia.⁴ Sua vasta obra tem Goethe como referência. Habilitado pela sua formação na Academia Politécnica de Viena e pelo conhecimento da obra de Goethe, Steiner iniciara em Viena, em 1882, com apenas 21 anos, a organização dos escritos científicos de Goethe com o acréscimo de notas e introduções, para publicá-los juntamente com outras obras, na *Bibliografia Nacional Ale-*

2 A obra citada: *Arte e estética segundo Goethe: Goethe como inaugurador de uma estética nova* é uma conferência de Steiner realizada em Viena em 1888. Na segunda edição da conferência, vinte anos mais tarde, em 1909, Steiner afirma que embora suas ideias tenham sido elaboradas “das mais variadas maneiras” (p. 07), não houve mudança de cosmovisão e que os “pensamentos desta conferência tornaram-se desde sua primeira edição, mais verídicos, ainda que não mudassem” (Idem).

3 Otto Maria Carpeaux, no prefácio ao Fausto, chama Goethe de “erudito de curiosidade e conhecimentos enciclopédicos”. CARPEAUX, Otto Maria. Prefácio, In: GOETHE, 1949. Steiner, pela abrangência da sua obra, também faz parte dessa tradição, praticamente extinta nos dias de hoje.

4 A partir de 1906 começa a haver um distanciamento cada vez maior entre a direção da Sociedade Teosófica e Rudolf Steiner, secretário da seção alemã da Sociedade Teosófica. Em 1913, há o rompimento definitivo com a exclusão da seção alemã, porque esta não aceitou a ideia de que o jovem indiano Krishnamurti seria a reencarnação do Cristo. Funda-se então a Sociedade Antroposófica. A diferença no nome das duas sociedades é representativa da centralidade das suas preocupações.

mã, editada por Joseph Kürschner (1853-1902).⁵ Esse trabalho prolongar-se-á até 1890, quando Steiner já reside em Weimar (1890-1897) trabalhando no *Arquivo Goethe-Schiller* e participando da edição completa da obra de Goethe, conhecida com *Edição Sofia*.⁶

Apesar de muito jovem, Steiner fora indicado por um outro colaborador da publicação, o professor de literatura alemã e profundo conhecedor da obra literária de Goethe, Karl Julius Schröer.⁷ Para Steiner o trabalho representou também a oportunidade de sistematizar seus estudos sobre as Ciências Naturais centrada na cosmovisão de Goethe.

Steiner “sentia como essencial em Goethe sua repulsa em satisfazer-se com uma estrutura pensamental qualquer, de fácil abrangência teórica, ante o conhecimento da imensurável riqueza da realidade” (STEINER, 2006, p. 147). No trabalho desenvolvido em Viena, Steiner se preocupa mais com o modo “como devemos pensar sobre o orgânico a fim de aproximar-nos cognitivamente dele”, ou seja, com a “descoberta *central*” dos estudos de Goethe, do que a respeito do que ele “pensara e elaborara acerca deste ou daquele âmbito do conhecimento da natureza” (Idem, p. 100). Esse procedimento de Steiner em relação à obra de Goethe estender-se-á também para as outras áreas de investigação, enquanto “trabalhava para delinear corretamente a postura de Goethe diante da Ciência Natural” (Idem, p. 146).

Steiner recorda na sua autobiografia, que:

também tinha de progredir na configuração daquilo que se me apresentara à alma como vivências espirituais na observação dos processos do mundo. Assim, era sempre compelido a afastar-me novamente de Goethe rumo à exposição de minha própria cosmovisão, e a voltar a ele para melhor interpretar seus pensamentos com os pensamentos adquiridos (Idem).

Tal processo de aproximação e distanciamento, ou, como o denomina Goethe, de sístole e diástole, tinha se transformado também no processo criativo de Steiner em relação à sua própria cosmovisão. Cabe destacar que nesse “afastar-se novamente de Goethe”, lia muito e freqüentava círculos os mais variados, inclusive os círculos que antipatizavam com a obra ou até mesmo nutriam “uma profunda antipatia pessoal por Goethe” (STEINER, 2006, p. 109):

(...) eu nunca tendia a negar minha admiração e meu interesse a nada do que me parecesse grandioso, mesmo se me repugnasse totalmente quanto ao conteúdo. “Sim”, dizia a mim mesmo, “tais contrastes existentes no mundo devem encontrar em algum lugar sua harmonia” (Idem, p. 106-107).

5 Durante a graduação, Steiner, “além de seus estudos, frequenta aulas sobre os mais variados temas, inclusive Medicina, Pedagogia, Arte, Filosofia, etc., na Universidade de Viena e na Academia Vienense de Ciências. Também participa de aulas práticas de discurso oral, retórica e escrita dadas por Schröer. Desenvolve nessa época intenso interesse político, torna-se membro de um grêmio político estudantil e freqüenta debates no Parlamento”. CALLEGARO, 2007, p.19.
6 *Edição Sofia*, em homenagem à Grã-duquesa Sofia: Sophie Luise von Sachsen-Weimar (1824-1897). Walter von Goethe (1818-1885), neto e último descendente de Johann Wolfgang von Goethe, deixou, em testamento de 1888, o espólio literário de Goethe em posse do Grão-ducado de Sachsen-Weimar.
7 Karl Julius Schröer (1825-1900) era professor de literatura na Academia Politécnica de Viena desde 1867.

Steiner se sentia, nessas ocasiões, numa atmosfera que lhe fazia bem. Como recordava: “não havia necessidade, para mim, de um consenso de idéias, e sim de um humanismo em busca de valores elevados e aberto a impulsos espirituais” (Idem, p. 113).

Steiner trabalhou no *Arquivo Goethe-Schiller*, em Weimar, durante sete anos, na edição dos trabalhos científicos de Goethe, até 1897. Depois se mudou para Berlim, onde dirigiu diversos periódicos e escreveu inúmeros artigos, proferindo centenas de palestras sobre os mais diversos temas a partir da “ciência do espírito”, por ele criada. Entre 1899 e 1904, foi professor na escola de formação de trabalhadores do Partido Social Democrata Alemão. Foi secretário da Sociedade Teosófica na Alemanha a partir de 1902 mantendo, no entanto, autonomia intelectual. Com o seu desligamento da Sociedade Teosófica (1912) e a fundação da Sociedade Antroposófica, em 1913 ampliou as suas atividades. A partir de solicitações, deu indicações para novos caminhos em praticamente todas as áreas da vida humana: filosofia, pedagogia, medicina, agricultura, arquitetura, artes, estética, etc. Na pedagogia, são conhecidas as *Escolas Waldorf*,⁸ uma aplicação prática do seu pensamento filosófico no ensino, onde o papel da arte é central.⁹ Steiner também é autor de poesias e peças de teatro e fez trabalhos de pintura e escultura. Parte de seus escritos, mais de trinta livros, está publicada no Brasil, assim como algumas das cerca de 6.000 conferências e cursos que ministrou. Examinaremos, no entanto, apenas uma pequena parte da sua vida intelectual que culmina com a publicação da *Filosofia da Liberdade*.

JUSTIFICATIVA

O estudo pretende apresentar uma cosmovisão que se contrapõe ao paradigma hegemônico nos dias de hoje, através da apresentação da teoria do conhecimento de Rudolf Steiner, cuja produção está quase ausente no mundo acadêmico e sua relação com outro autor, Goethe; este presente, não pela sua cosmovisão, mas como literato, embora o próprio Goethe considerasse que a sua mais importante contribuição para a humanidade fosse na área de ciências naturais.

Tanto para Steiner como para Goethe, suas concepções de mundo retomam uma discussão praticamente abandonada nos dias de hoje, a centralidade do homem na produção científica e artística, a possibilidade do trabalho e da vida desalienada,¹⁰ a concepção do ser humano como parte e ao mesmo tempo criador do mundo em que vive.¹¹

8 Em 1919 é fundada a primeira escola com a pedagogia criada por Steiner, em Stuttgart, na Alemanha. Em 1939 é fechada pelo governo nazista. Terminada a guerra, em abril de 1945, seus ex-alunos iniciaram imediatamente a reconstrução do prédio destruído pelos bombardeios. Na extinta URSS, a Antroposofia foi proibida até o fim do regime comunista (1991). Para o conhecimento das atividades de orientação antroposófica no Brasil ver o *site* da Sociedade Antroposófica no Brasil: «www.sab.org.br».

9 “A imagem artística é mais espiritual que o conceito racional. É também mais vívida, e não sufoca o espiritual na alma, como o faz o intelectualismo”. HEMLEBEN, 1984, p. 105.

10 A estas questões eram sensíveis certos teóricos marxistas que não viam a arte apenas como expressão da luta de classes, tais como Lucien Goldman, Herbert Marcuse ou mesmo Georg Lukács. A queda do Muro de Berlim e a desintegração da URSS atingiram a reflexão intelectual de influência marxista, reduzindo essas concepções críticas à insignificância. Também não nos parece casual que Lukács seja um profundo conhecedor e admirador de Goethe e autor de um interessante ensaio (considerando a limitação da sua perspectiva em relação à cosmovisão de Goethe) sobre *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Para uma vista sobre a questão da arte neste meio, na década de 70 do século passado, ver: *A dimensão estética*, de Herbert Marcuse.

11 Colin Wilson, numa biografia de Steiner publicada em 1985, observa que: “Desde a morte de Steiner, suas idéias continuam vivas nas escolas que se dedicam a suas teorias educacionais, nas fazendas norteadas por suas

Para Steiner:

A verdade não é uma reflexão imaterial de algo real, mas um produto livre do espírito humano, não podendo existir de forma alguma e em nenhum lugar se nós mesmos não o produzíssemos. A tarefa da cognição não é repetir, sob forma conceitual, algo que já exista alhures, mas, sim, criar um campo inteiramente novo que apenas constitua a plena realização em combinação com o mundo dado. Com isso a atividade suprema do homem, seu ato criador espiritual, acha-se organicamente integrado ao decurso geral dos fatos no mundo. Sem essa atividade nem poderíamos pensar nesse decurso dos acontecimentos como uma totalidade definida em si. Frente à seqüência dos fatos, o homem não é um espectador ocioso que reproduz em sua mente, sob forma de imagens, aquilo que ocorre no cosmo sem sua intervenção, mas sim o co-criador do processo cósmico; e a cognição é o membro mais perfeito no organismo do Universo (STEINER, 1985, p. 10, *grifos no original*).

A criação em 1919 da Escola Waldorf em Stuttgart é uma das iniciativas mais marcantes da visão de mundo de Rudolf Steiner. Como instituição de ensino, é um laboratório de experiências em muitos campos da atividade humana, direcionado à formação de um homem *livre*, “co-criador do processo cósmico”.¹²

O paradigma hegemônico nos dias de hoje já era claramente visível no primeiro quarto do século XIX. Goethe tem consciência do que representam para a sua concepção de mundo as mudanças sociais que testemunha já setuagenário:

Riqueza e rapidez, eis o que o mundo admira e o que todos almejam. Ferrovias, correio expresso, navios a vapor e todas as possíveis facilidades de comunicação são as coisas que o mundo culto ambiciona a fim de se sofisticar e, desse modo, persistir na mediocridade. É também consenso geral que uma cultura mediana se torne comum: é para essa direção que se encaminham as sociedades bíblicas, a metodologia lancasteriana e não sei mais o quê. Na verdade é o século apropriado para as cabeças capazes, para pessoas práticas e de raciocínio rápido que, munidas de certa desenvoltura, percebem sua superioridade sobre a multidão, ainda que elas mesmas não tenham talento para atingir o mais elevado. Atenhamo-nos tanto quanto possível à mentalidade da qual viemos: com talvez mais alguns poucos, seremos os últimos de uma época que tão cedo não retornará.¹³

Schiller disse filosoficamente aquilo que Goethe expressa através de sua obra. É, porém, Kant e não Schiller que merecerá destaque no estudo da filosofia contemporânea sobre a agricultura, e até em hospitais e clínicas que se baseiam em suas crenças sobre a relação entre corpo e espírito. Contudo, o trabalho que o próprio Steiner teria considerado como o mais importante – o que poderia ser chamado de sua ‘filosofia da atividade espiritual’ – nunca teve êxito entre pessoas cultas. (...) mesmo entre os intelectuais, muito poucos terão a mais vaga idéia da filosofia de Rudolf Steiner”. WILSON, 1988. 12 Vale recordar que na tradição esotérica ocidental Deus, o criador cósmico, também é representado como *O Grande Arquiteto do Universo*. Na concepção filosófica de Steiner, o homem é seu parceiro. 13 Carta a Zelter, em 1825, citada por BENJAMIN, 2009, p. 174-175.

nea. Schiller esclarece ferinamente a relação do seu pensamento com o de Kant:¹⁴

Ali onde eu apenas destruo e procedo na ofensiva contra outras opiniões doutrinárias, sou rigorosamente kantiano; apenas ali onde eu construo, encontro-me em oposição a Kant.¹⁵

A síntese do pensamento de Schiller, no que diz respeito ao nosso tema e às nossas preocupações, já se encontra num escrito anterior à sua *Cultura estética*. O homem, diz ele no ensaio *Sobre Graça e Dignidade*: “não só pode, mas também deve unificar prazer e dever; ele deve obedecer a sua razão com alegria” (*apud* SUZUKI, 2002, p. 14).

Steiner, para quem Schiller “mais profundamente que qualquer outro, se inteirou da configuração do gênio de Goethe” (STEINER, 1998, p. 18) cita a carta de Schiller para Goethe, datada de 23 de agosto de 1794, para comentar a relação intelectual entre ambos:

O senhor toma a Natureza toda em conjunto para elucidar as particularidades; na totalidade de suas aparências, o senhor procura o fundamento explicativo para o indivíduo. De uma organização simples o senhor ascende, passo por passo, às mais complexas para, afinal, edificar geneticamente a mais complexa de todas – o Homem – dos materiais da Natureza como um todo. É pelo fato de reconstruí-lo na Natureza que o senhor tenta penetrar em sua técnica oculta.

Steiner destaca que: “Nesta reconstrução se encontra a chave para a compreensão da cosmovisão de Goethe” (Idem).

Para Schiller, “somente o fato de tomar um tal caminho vale mais do que chegar ao fim de qualquer outro” (GOETHE, 1993, p. 24), opinião compartilhada por Steiner:

Se realmente queremos ascender aos arquétipos das coisas, ao imutável na eterna transformação, então não devemos considerar os resultados, pois estes não correspondem mais totalmente à idéia que se expressa nele; temos sim, de regredir ao devir, temos de auscultar a Natureza em seu criar (STEINER, 1998, p. 18).

E conclui que “os arquétipos de Goethe não são, portanto, esquemas vazios, e sim as forças que impulsionam por detrás dos fenômenos” (Idem, p. 19).

Num ensaio de 1820, publicado nos *Cadernos de Morfologia*, Goethe esclarece sua relação com a filosofia:

Para a filosofia, no sentido próprio, eu não tinha órgão nenhum, somente a contínua tarefa de sair ao encontro do mundo invasor, com a qual me vi na obrigação de resistir e de me apropriar desse mundo, tinha que me levar a um método por meio do qual eu tentei compre-

14 Immanuel Kant (1724-1804) foi contemporâneo de Goethe (1749-1832) e Schiller (1759-1805). Seu pensamento tem presença marcante na filosofia. As diferenças entre o seu pensamento e o de Goethe, Schiller e Steiner serão destacadas no decorrer da pesquisa.

15 Carta a F. H. Jacobi, em 29 de junho de 1795, citada em SUZUKI, 2002, p. 08.

ender e me formar com as opiniões dos filósofos, exatamente como se eles também fossem objetos (GOETHE, 1985, p. 210).¹⁶

Mesmo as necessidades impostas pelas investigações na área das ciências naturais não o levaram a nenhuma sistematização no campo da filosofia, sendo que “esta situação sempre continuou sendo nada mais que crepuscular”(Idem, p. 210). Isso não quer dizer que não lesse ou mesmo estudasse a produção filosófica da época. É o caso da *Crítica do juízo* ou a *Crítica da razão pura* de Kant,¹⁷ por exemplo.

Em relação à *Crítica do juízo*, recorda no texto de 1820 que:

Porém, meu modo de pensar nem sempre achou que lhe seria possível se adaptar ao autor, mesmo que aqui e ali parecesse que me faltava alguma coisa, as grandes idéias mestras da obra eram, no entanto, bem análogas à minha maneira de produzir, de agir e de pensar até então; a vida interior da arte, assim como a da natureza, o agir de ambos de dentro para fora, estava expresso claramente no livro (SCHILLER, 1985, p. 211).¹⁸

A assimilação das obras lidas era totalmente subjetiva: “Porque eu expressava somente o que havia me excitado, mas não o que havia lido” (Idem, p. 212). Assim, ainda que tivesse um método para as suas investigações na área das ciências naturais e claras referências na sua produção artística, em relação à filosofia:

A entrada era o que me agradava, no labirinto mesmo não ousava penetrar, ficava impedido, ora pelo dom poético, ora pelo bom senso, e não me sentia melhorado em aspecto algum (Idem, p. 211).¹⁹

As tentativas de diálogo com os kantianos não eram muito bem sucedidas:

Mais de uma vez me acontecia que este ou aquele me dirigia um sorriso de estranhamento, que certamente se tratava de uma analogia à maneira kantiana de pensar, mas de uma forma bem peculiar (Idem, 212).²⁰

A interlocução com Schiller foi decisiva para clarear estas (e outras) questões:

16 Tradução livre: “Para la filosofía en sentido propio yo no tenia ningún órgano, sólo la contínua labor de salir al encuentro del mundo invasor con la que me vi obligado a resistir y a apropiarmelo, tenía que llevarme a un método por medio del que intenté comprender y formarme con las opiniones de los filósofos, justamente como si también fueran objetos”.

17 Enquanto Kant limitava a possibilidade do conhecimento ao mundo inorgânico, para Goethe “havia o caminho da cognição superior ao intelecto que apenas separa e define: o caminho da razão que contempla e intui”. Cf. LANZ, 1985, p. 21.

18 Tradução livre “Se bien a mi modo de pensar no siempre le llegó a ser posible adaptar-se al autor, aunque aqui y allá parecía faltarme algo, las grandes ideas maestras de la obra eran, sin embargo, muy análogas a mi manera de producir, de actuar y de pensar hasta entonces; la vida interior del arte así como de la naturaleza, el actuar de ambos desde dentro hacia fuera estaba claramente expresado en el libro”.

19 Tradução livre: “La entrada era lo que me agradaba, en el labirinto mismo no osaba penetrar: me lo impedía ya el don poético ya el sentido común, y no me sentía mejorado en ningún aspecto”.

20 Tradução livre: “Más de una vez me ocurría que el uno o el otro me concedía con una sonrisa de extrañeza: que ciertamente se tratase de una analogía de la manera de pensar kantiana pero de una muy peculiar”.

Quão estranho tinha sido realmente o ocorrido, isso só ficou mais evidente quando ficou mais intensa minha relação com Schiller. Nas conversas eram totalmente produtivas ou teóricas, geralmente as duas coisas ao mesmo tempo: ele pregava o evangelho da liberdade e eu não queria aceitar que se limitassem os direitos da natureza (Idem, p. 212).²¹

Segundo Rudolf Lanz (1985, p. 20), Goethe “recuava diante da análise da própria atividade pensante”, lacuna esta que o limitou fazendo com que não conseguisse “ascender às últimas verdades acerca do ser humano” (Idem). Esta lacuna teria sido completada por Steiner.²²

Enquanto para Goethe as mudanças sociais por ele testemunhadas não geram qualquer posição saudosista, mas apenas uma espera, cuja certeza é que tudo é uma questão de tempo, para Steiner o “mundo moderno” vai criar uma situação única para a plena realização das potencialidades humanas. Steiner (1986) divide em cinco as épocas “pós Atlânticas” da humanidade. A época atual começou no século XV e é caracterizada pela eclosão da “alma da consciência”. Nela, segundo Lanz:

O homem foi separado da harmonia divina pela “tentação”; perdeu a perfeição e a saúde, mas ganhou o intelecto, o livre arbítrio e a dignidade humana em potencial. Todavia, esse desenvolvimento o levou ao caos, ao niilismo; (...). O homem deve futuramente voltar à harmonia, ao “paraíso”, ao mundo divino do Amor, mas desta vez não como autômato (como o era antes da queda), mas com todas as conquistas da sua peregrinação terrena: o intelecto, a consciência, o livre arbítrio. Livremente, por uma série infinita de atos de Amor (a palavra tomada em sua acepção mais universal) não obstante e contra todos os obstáculos e tentações, o homem deve realizar em si e por si a harmonia eterna. Esse é o “reino de Deus”, essa é a volta à origem, esse é o sentido da evolução da humanidade (LANZ, 1990, p.53-54).

A atual idade, a da “a alma da consciência”, é aquela em que o homem tem condições de afirmar a sua individualidade e tornar-se “livre”. Sua ação, dessa forma, pode ser não condicionada; nem por determinações externas, nem pela própria racionalidade. Essa formulação já está desenvolvida filosoficamente na *Filosofia da liberdade*. Nessa condição de liberdade o homem torna-se *co-criador do real*.

21 Tradução livre: “Cuán extraño había sido realmente lo ocurrido, eso sólo se puso de relieve cuando se avivó mi relación con Schiller. Nuestras conversaciones eran totalmente productivas o teóricas, habitualmente ambas cosas a la vez: él predicaba el evangelio de la libertad, y yo no quería aceptar que se limitasen los derechos de la naturaleza”.

22 Rudolf Lanz é o principal tradutor de Steiner para o português. Foi um dos fundadores da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, em 1956. Trabalhou como administrador em empresas e, a partir de 1969 dedicou-se totalmente à Antroposofia, como palestrista, presidente da Associação Pedagógica Rudolf Steiner, da Sociedade Antroposófica, entre outras atividades. É autor de vários livros na área da Antroposofia. Faleceu em 1998. As limitações que Lanz (1985, p. 41) aponta em Goethe, por conta do seu desinteresse em “refletir sobre o pensar” e por não chegar “ao conceito claro da entidade humana ou da imortalidade, nem à fundamentação de qualquer moral” são discutíveis. Um dos pontos a verificar é se estas opiniões são de Steiner, como o autor sugere. A princípio nos parece que as questões estão resolvidas na produção literária de Goethe.

Steiner lembra Schiller ao dizer numa correspondência, na década de 1890:

Que a natureza destrua diariamente o que criamos, a fim de podermos, a cada dia, ter renovada a alegria de criar! Não queremos dever *nada* à natureza, e sim *tudo* a nós mesmos! (STEINER, 2006, p. 114, *grifo no original*).

A arte, nessa perspectiva, é a ação criadora do homem *com* o mundo do qual faz parte como natureza. Essa é a ligação íntima entre Schiller, Goethe e Steiner, num universo extremamente rico e diferenciado, porém próximo em suas determinações fundamentais, como a pesquisa pretende demonstrar.

OBJETIVO GERAL

Verificar a presença da cosmovisão de Goethe na teoria do conhecimento de Steiner. Para isso examinaremos quatro obras de Steiner:

1. O estudo de Steiner sobre o método cognitivo de Goethe: *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosologia da cosmovisão goethiana*, publicado em 1886; resultado das suas reflexões durante o trabalho de organização para publicação da obra científica de Goethe.
2. A coletânea de introduções, notas de rodapé e comentários aos trabalhos científicos de Goethe, elaborada durante o trabalho de Rudolf Steiner em Viena (1882-1890), para a publicação da *Literatura Nacional Alemã no Arquivo Goethe-Schiller* (1890-1897), publicada com o título de *A obra científica de Goethe* (1897).
3. *Verdade e ciência: prelúdio a uma “filosofia da liberdade”* (1892) é uma versão da sua tese de doutorado; *A questão fundamental da gnosologia, com especial consideração à doutrina da ciência de Fichte. Prolegômenos para o entendimento da consciência filosófica consigo própria*, apresentada em Rostock, na Alemanha, em 1891.²³ Nessa obra, basicamente uma refutação à teoria do conhecimento de Kant, que limita as possibilidades do conhecimento através da razão, Steiner esboça a afirmação de suas próprias conclusões filosóficas, constituindo o seu pensamento num “todo fundamentado em si mesmo, não necessitando ser deduzido da cosmovisão goethiana” (STEINER, 1985, p. 11) e anuncia para breve a publicação da *Filosofia da liberdade*, para a qual *Verdade e ciência* é um “prelúdio”.
4. Em *A Filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna* (1894), Steiner expõe as suas próprias idéias filosóficas.

A partir da perspectiva de Steiner, ao comparar a sua teoria do conhecimento à cosmovisão de Goethe é possível elucidar a compreensão de Steiner do “método cognitivo de Goethe”, a sua apropriação e a sua incorporação na teoria do conhecimento de Steiner.

OBJETIVO ESPECÍFICO

O fio condutor da pesquisa é elucidar a ligação entre os dois autores, Goethe e Steiner, através do destaque à questão da arte estabelecendo as identidades, proximidades e diferenças. Trata-se, pois, de:

²³ Como a graduação de Steiner fora na Escola Politécnica de Viena, a lei austríaca não lhe permitia defender uma tese em outra área. A legislação na Alemanha não fazia tal restrição.

Entender a arte e a estética pela compreensão da teoria do conhecimento de ambos; de como o homem é um “co-criador do processo cósmico” (STEINER, 1985, p. 10).

A tarefa da pesquisa para a qual nos propomos é um desafio, pois além da complexidade inerente à proposta, Steiner tem consciência de que “as mais divergentes tendências científicas” procuram em Goethe

o espírito que ‘pressentiu’ suas opiniões. Cosmovisões que nada tem em comum apontam Goethe aparentemente com igual direito ao sentirem a necessidade de ter sua posição reconhecida nos píncaros da humanidade (STEINER, 2004, p. 24).

Também tem clareza que qualquer filiação pretendida exige que as opiniões de Goethe sejam “*pontos de partida* de investigações científicas” e não apenas “*objeto de comparação*” (Idem, p. 26).

METODOLOGIA/ PROCEDIMENTOS:

Para que possamos estabelecer os vínculos entre o pensamento de Steiner e Goethe, com destaque para a questão da arte, examinaremos a produção filosófica de Steiner, desde os textos produzidos sobre a obra científica de Goethe a partir do seu trabalho em Viena para a publicação na *Biblioteca Nacional Alemã* (a partir de 1882) e do seu trabalho no *Arquivo Goethe-Schiller*, em Weimar (1890-1897) até a sistematização do seu próprio pensamento filosófico, na *Filosofia da liberdade*.

Todas as introduções escritas por Steiner foram publicadas no Brasil sob o título: *Obra científica de Goethe* (1897). Também examinaremos a publicação de 1886, *O método cognitivo de Goethe* que faz menção direta à “gnosologia da cosmovisão de Goethe” e sua tese de doutorado em filosofia, *Verdade e Ciência* (1892). Na tese de doutorado, Steiner já alerta os leitores que não será mais necessário que seu pensamento seja deduzido da “compreensão mundial de Goethe” (STEINER, 1942, p. 24) uma vez que este estará sistematizado na *Filosofia da liberdade* (1894). A conferência de 1888, *Arte e Estética segundo Goethe*, também é uma importante referência. A partir da *Filosofia da liberdade* a produção e a atividade de Steiner se ampliam de maneira extraordinária e surpreendente. Faremos, no entanto, deste período, apenas menções necessárias uma vez que as questões da estética e da arte já estão, neste final de século, claramente situadas no seu pensamento filosófico.

Quanto a Goethe, embora não tenhamos uma exposição filosófica do seu pensamento por ele mesmo e possamos, como recorda Pedro de Almeida Moura, “invocar o nome de Goethe para apoiar uma tese, como citá-lo na defesa da antítese”, é possível identificar uma unidade filosófica na sua obra. É Moura ainda que, traçando o perfil de Goethe, destaca essa unidade filosófica:

Móvel como a própria vida, como a própria vida insubmissa e ágil, cheia de transbordante entusiasmo e de alegria de viver, ele encarna ao mesmo tempo a liberdade e a disciplina, Apolo e Dionísio, o crente fervoroso e o crítico irreverente, sem que isso, no conjunto de suas obras e de sua vida, venha representar antinomia ou quebra de

unidade filosófica. Tudo a seu tempo e em seu lugar. É justamente a unidade espiritual o traço inconfundível de toda a produção goethiana, não excluindo sequer os trabalhos de crítica e pesquisas científicas, que se desenvolvem debaixo da mesma linha de interpretação viva e atraente dos fenômenos, sob um ponto de vista todo seu de colocar a questão, de modo que a manifestação viva e palpitante da vida, sempre pairasse a salvo dos preconceitos do sectarismo científico (MOURA, s/d, p. 66).

É na obra científica e correspondência de Goethe que vamos centrar a nossa atenção; particularmente *A Metamorfose das plantas* e a *Teoria das cores*. Também ficaremos atentos às coletâneas de pequenos ensaios, aforismos, versos, romances, peças de teatro que, indiretamente, fazem menção aos seus pressupostos filosóficos. Para recuperar o seu sistema filosófico contaremos com Schiller, filósofo com o qual Goethe mantém uma intensa correspondência e que descobre e destaca as identidades da maneira de pensar entre ele e Goethe. Também serão examinados os estudos já publicados sobre o seu pensamento filosófico, e indicações sugeridas durante a pesquisa, com o cuidado necessário para um trabalho com duração de apenas doze meses.

Da obra de Schiller merece especial atenção sua famosa correspondência reunida com o título de: *Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*; a correspondência entre ele e Goethe, publicada em 1993, em São Paulo, com o título de: *Companheiros de viagem: Goethe e Schiller*, edição esgotada, apesar da importância histórica da obra, tanto na literatura quanto na filosofia e também *Sobre graça e dignidade e Cultura Estética e Liberdade*.

BIBLIOGRAFIA:

Johann Wolfgang von Goethe

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Máximas e reflexões*. Lisboa: Guimarães Editores LTDA, 1987.

_____. “Dedicatória”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992. pp. 17-19.

_____. “Símbolo”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992. p. 50.

_____. “Os Mistérios”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992. pp. 57-65.

_____. “Ensaio sobre a continuação dos ‘Mistérios’”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992. pp. 66-68.

_____. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 1994.

- _____. *Companheiros de viagem: Goethe e Schiller*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- _____. *A Metamorfose das plantas*. São Paulo: Antroposófica, 1997.
- _____. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- _____. *Trilogia da paixão*. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- _____. *Fausto, Werter, Hermann y Dorotea, Las afinidades electivas*. Estudios acerca de su obra por Emerson y Sainte-Beuve. Buenos Aires: Librería ‘El Ateneo’ Editorial, 1953.
- _____. *Memórias. Extratos de minha vida*. Poesia e verdade. São Paulo: José Olympio Editora. 1948, I volume.
- _____. *Memórias. Viagem à Itália. Minha campanha da França*. Excertos sobre uma viagem no Reno. São Paulo: José Olympio Editora, 1947. II volumes.
- _____. *Viagem à Itália: 1776-1788*. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.
- _____. *O conto da serpente verde e da linda Lillie*. São Paulo, Landy, 2003.
- _____. *Escritos sobre literatura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- _____. *As afinidades eletivas*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.
- _____. *Fausto*. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Porto Alegre: Clássicos Jackson (volume XV), 1949.
- Sobre Goethe e sua obra, contemporâneos e afins*
Os Aurores da Aurora: a face oculta da literatura alemã. São Paulo: Religião & Cultura, 1992.
 AUTORES PRÉ-ROMÂNTICOS ALEMÃES. São Paulo: EPU, 1991.
- BARBOSA, Ricardo. *Schiller e a Cultura Estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUER, Ignácio. *Goethe: ensaio bio-bibliográfico*. Antologia. Madrid: Libreria Fernando Fé, 1932.
- BENJAMIN, Walter. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2009.
- CATTANI, Roberto Ahmad. “Pós-fácio à edição brasileira”. In: *O conto da serpente verde e da linda Lillie*. São Paulo: Landy, 2003. pp. 103-121.
- CENTENO, Yvette Kace. *A Simbologia Alquímica no Conto da Serpente Verde de Goethe*.

- Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1976.
- ECKERMANN. *Conversações de Goethe com Eckermann*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.
- FICHTE, Johann Gottlieb. *O Eu e a Humanidade: cinco preleções sobre a destinação do letrado*. São Paulo: Religião & Cultura, 1986.
- FROES, Leonardo. “A puberdade repetida e a obra plural de Goethe”. In: *Trilogia da paixão*. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2009. pp. 33-134.
- GRIMM, Herman. *Vida de Goethe*. México: Editorial Grijalbo, 1956.
- HABERMAS, J.. “Excurso sobre as Cartas de Shiller acerca da Educação Estética do homem”. In: *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- LUKÁCS, Georg. “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.
- LUDWIG, Emil. *Goethe: história de um homem*. Porto Alegre: Editora Globo, 1949. (1º volume).
- _____. *Goethe: história de um homem*. Porto Alegre: Editora Globo, 1949. (2º volume).
- MORAIS FILHO, Evaristo de. *Goethe e a filosofia: 250 anos de Goethe*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.
- MOURA, Pedro de Almeida. *Perfil de Goethe: perfil, crítica e excertos*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- _____. “Prefácio do tradutor”. In: SCHWEITZER, Albert. *Goethe: estudos sobre o poeta através de quatro discursos*. São Paulo: Melhoramentos 1950, pp. 07-24.
- ROSENFELD, Anatol. “Ilustração ao Romantismo”. In: AUTORES PRÉ-ROMÂNTICOS ALEMÃES. São Paulo: EPU, 1991.
- RINTELEN, Joachim von. *Goethe, espírito e vida*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1949.
- SCHILLER, Friedrich von. *Fragments das preleções sobre Estética do semestre de inverno de 1792-93*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *Sobre la gracia y la dignidad, sobre poesia ingênua y poesia sentimental y uma polemica Kant, Schiller, Goethe y Hegel*. Barcelona: Icaria, 1985.

_____. *Cultura Estética e Liberdade*. São Paulo: Hedra, 2009.

_____. *Sobre a Educação Estética do Ser Humano Numa Série de Cartas e Outros Textos*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994.

_____. *Kallias ou sobre a beleza: a correspondência entre Schiller e Körner*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SCHWEITZER, Albert. *Goethe: estudos sobre o poeta através de quatro discursos*. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

SUZUKI, Márcio. O belo como imperativo. In: *A educação estética do homem numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

THIELICKE, Helmut. *Goethe e o Cristianismo*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

WIRTH, Oswald. “Exegese do Conto da Serpente Verde”. In: *O conto da serpente verde e da linda Lilie*. São Paulo: Landy, 2003. pp. 51-102.

Rudolf Steiner

STEINER, Rudolf. *A obra científica de Goethe*. São Paulo: Antroposófica, 1984.

_____. *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*. São Paulo: Antroposófica, 2008.

_____. *Arte e estética segundo Goethe: Goethe como inaugurador de uma estética nova*. São Paulo: Antroposófica, 1998.

_____. *Verdade e Ciência: prelúdio de uma filosofia da liberdade*. Tradução de Frederico Muller, Rio de Janeiro: s/ed, 1942.

_____. *Verdade e ciência: prelúdio a uma “Filosofia da liberdade”*. Tradução de Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1985.

_____. *A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo o método das ciências naturais*. São Paulo: Antroposófica, 2000.

_____. *Teosofia: introdução ao conhecimento suprasensível do mundo e do destino humano*. São Paulo: Antroposófica, 1994.

_____. *Goethe y el Goetheanum*. In: RUDOLF STEINER, 1861 -1961. Diversos autores.

- Buenos Aires: s/ed, 1961, p. 6-9.
- _____. *Minha vida*; narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 2006.
- _____. *A Moral teosófica*. São Paulo: Antroposófica, 1985.
- _____. “O Credo de Weimar: o indivíduo e o cosmos”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992. pp.112-113.
- _____. *Matéria, forma e essência: o caminho cognitivo da filosofia à Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 1994.
- _____. *Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação*. São Paulo: Antroposófica; Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2002.
- _____. “O espírito de Goethe em sua manifestação através de seu ‘Conto da Serpente Verde e da Líria’”. In: CALLEGARO, Bruno. *Momentos de um caminho: reflexões sobre a vida de Rudolf Steiner*. São Paulo: João de Barro, 2007, pp. 137-152.
- _____. *Antroposofia, um resumo 21 anos depois*. São Paulo: João de Barro, 2006.
- _____. *Pedagogia, arte e moral*. São Paulo: João de Barro, 2008.
- _____. *A Missão da Alma dos Povos*. São Paulo, Editora Antroposófica, 1986.
- _____. *O ser humano como sinfonia das forças universais*. Aracaju: Edições Micael, 2009.
- Sobre STEINER e sua obra*
 CALLEGARO, Bruno. *Momentos de um caminho: reflexões sobre a vida de Rudolf Steiner*. São Paulo: João de Barro, 2007.
- DIVERSOS AUTORES. *Rudolf Steiner: testimonio de gratitud de sus discípulos, com motivo del primer centenario de su natalicio*. Buenos Aires: s/ed, 1961.
- HEMLEBEN, Johannes. *Rudolf Steiner: monografia ilustrada*. São Paulo: Antroposófica, 1984.
- LANZ, Rudolf. “La Naturaleza del Arte a la Luz de la Ciência del Espíritu”, In: DIVERSOS AUTORES. *Rudolf Steiner: testimonio de gratitud de sus discípulos, com motivo del primer centenario de su natalicio*. Buenos Aires, s/ed, 1961, p.34-38.
- _____. *Do goetheanismo à filosofia da liberdade*. São Paulo: Antroposófica, 1985.

_____. *Noções básicas de Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 1990.

RUDOLF STEINER, 1861 -1961. Diversos autores. Buenos Aires: s/ed, 1961.

TROXSLER, Ignaz Paul Vital. Fragmentos “Antroposóficos”. In: *Os Arautos da Aurora: a face oculta da literatura alemã*. São Paulo: Religião & Cultura, 1992, p.100-101.

WILSON, Colin. *Rudolf Steiner, o homem e sua visão*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.